3 1761 07039598 3

Castro, Eugenio de
O cavaleiro das maos
irresistiveis

PQ
9261
C4C3

O CAVALEIRO
DAS
MÃOS IRRESISTIVEIS

CONTO EM VERSO

POR

EUGENIO DE CASTRO

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ocavaleirodasm00cast

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Chrystallisações da Morte, 1884.
Canções d'Abril, 1884.
Jesus de Nazareth, 1885.
Per umbram, 1887.
Horas tristes, 1888.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900.
Horas, 1.ª edição, 1891; 2.ª edição, 1912.
Silva, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.
Interlunio, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.
Belkiss, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910.
Tiresias, 1895.
Sagramor, 1895.
Salomé e outros poemas, 1.ª edição, 1896; 2.ª edição, 1911.
A Nereide de Harlem, 1896.
O Rei Galaor, 1897.
Saudades do Céo, 1899.
Constança, 1900.
Depois da ceifa, 1901.
Poesias escolhidas, 1902.
O melhor retrato de João de Deus, 1906.
A Sombra do Quadrante, 1906.
O Annel de Polycrates, 1907.
A Fonte do Satyro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, 1909.
O Filho Prodigo, 1910.
Noticia historica e descriptiva dos principaes objectos de ourivesaria existentes no Thesoiro da Sé de Coimbra (de collaboração com A. A. Gonçalves), 1911.
Guta de Coimbra, 1916.
O Cavaleiro das mãos irresistiveis, 1916.

O CAVALEIRO
DAS
MÃOS IRRESISTIVEIS

CONTO EM VERSO

POR

EUGENIO DE CASTRO

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1916

LIBRARY
UNIVERSITY
25
PQ
1261
C4C3

Desta edição fez-se uma tiragem especial de seis exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo autor.

AO GRANDE ESTATUARIO

ANTONIO TEIXEIRA LOPES

« . . . las hermosas manos del Conde Don Garci Fernandez, conquistavan la inclinacion de todas las mugeres, por lo qual las encubria aquel Principe quando se las podiam ver personas de su atencion. »

D. Luiz de Salazar y Castro, *Historia de la Casa de Lara*, t. I, pag. 32.

I

Dia de Santa Clara.
Na janela
Já as frinchas se azulam como veias,
Quando Dom Sancho Sánchez de Moscoso,
Depois dum sono regalado, acorda
Ao cristalino repicar dos sinos,
Que tilintam na tôrre do mosteiro
Onde, entre cirios, orações e rosas,
As cinzas dormem da Rainha Santa.

Defronte, em Coimbra, os sinos da cidade
Associam-se á festa: uns galrejando
Como creanças num jardim em maio;
Outros, de ansioso, de saudoso timbre,
Desatando-se em místicos adeuses,
Em despedidas para a eternidade;
Outros, em Santa Cruz, cantando glória;
E mais em cima, dominando-os todos,
Como um aviso ás almas tresmalhadas,
Os da Sé, retumbando com ameaças
E rouquidões de temporal distante...

Tão doce despertar e tão alegre
Não o tinha Dom Sancho desde a hora
Em que um fatal desastre aos pés da morte
O arremessára.
Desta feita, o moço
Acordava sem dor's, antes sentindo
Um bem-estar delicioso...

Espreguiçou-se
Com a prudéncia dos estropiados,

E a cada movimento ia notando
Que voltava ao que fôra, que de novo
Podia abrir os braços livremente,
As pernas esticar, mexer o tronco,
Sem já sentir uma ligeira sombra
Das guinadas crueis que longo tempo
O tinham consumido nesse leito,
Arrancando-lhe gritos aflitivos
E encharcando-lhe as fontes com suores ...

Renascia. Quebrava-o inda, é certo,
Esse torpor que na convalescença,
Quebrando o corpo, quebra os maus desejos,
Em troca suscitando honestas ánsias
De calmos dias, de leais afectos;
Sentia ainda os olhos fatigados
De tanto haverem procurado embalde
Uma estrêla nas trevas da agonia;
Mas ao contrário das manhãs passadas,
Em que, rendido, desejava apenas
Dormir, dormir indefinidamente
Na abafada penumbra dessa alcova,

O que elle agora, inquieto, apetecia
Era a luz d'oiro e o ar livre, de diamante.

Das nebrinas rosadas do futuro,
Lindo cantar chegava aos seus ouvidos,
Penugento cantar d'alma sereia,
Anunciando em notas, que eram mimos,
As doçuras dum próximo noivado;
E Sancho, embevecido, adormecendo
Desse canto no berço flexuoso,
Cerrava os olhos deliciadamente,
E deliciadamente via ao longe
De Beatriz a virginal figura
Deslisando graciosa entre açucenas,
Ao cristalino repicar dos sinos...

II

Pouco mais tinha Sancho de vinte annos.

Órfão de pai quando contava doze,
Com sua austera mãe se recolhera
A um severo palácio em Tordesilhas,
E ahi vivera como bom fidalgo
Em descuidosa mas honesta estúrdia,
Cavalgando, monteando e namorando,
Até que um dia, aos incessantes rógos
Dum primo seu, D. Pedro de Mendanha,
Brioso alcaide-mór de Castro-Nunho,
Do lusitano rei seguindo as partes,

Na guerra se meteu, quase fraterna,
Que em Tóro veiu a ter incerto fecho.

Finda a batalha, achou mimoso exílio
Em Barcelos, nas margens nemorosas
Do Cávado sereno, cujas aguas
A cada instante augmentam engrossadas
Pelas saudosas lagrimas que verte
Deixando a cada passo um encanto novo.
Soube elle aí que os bens que possuia
Em Castela, lhos tinham confiscado
Os católicos reis. Vendo-se pobre,
Ele, que dias antes poderia
Aos alqueires medir o oiro e a prata;
Vendo-se aí sem lar, tendo possuido
Soberbos paços de ameadas torres,
Onde talvez ainda, nessa hora,
Se visse trapejar ao vento morno
A bandeira co'as armas dos Moscosos;
Vendo-se aí sem pão, tendo deixado
As suas tulhas cheias, que podiam
Á farta sustentar por mais dum ano

Uma província inteira; então lembrou-se
De uma tença pedir a Afonso Quinto,
E com essa intenção pôs-se a caminho
De Santarém, onde poisava a côrte.

Passando em Coimbra, com surpresa alegre,
Lá encontrou patrícios e parentes,
Exilados também, que o receberam
Como um querido irmão resuscitado.
Sancho levava pressa, impaciente
De alcançar bom despacho ao seu pedido;
Mas tão felizes, tão risonhas horas
Saboreou ali, em cavalgadas,
Banquetes e serões, que a breve trecho,
Mandando ao demo tenças e negócios,
Resolveu demorar-se uns tantos dias
E arranchar com os mais numa caçada
Aos javalis, caçada de fidalgos
De que era promotor activo e guapo
Um certo Ruy de Sá, dos Sás illustres,
Tão destros em terçar guerreiras armas
Como habeis em compor sonoros versos.

Deviam ser uns vinte os cavaleiros,
Que em luminoso amanhecer de julho
Sairam da cidade a trote largo.
Atravessada a ponte, para a esquerda
Tomaram com marcial desinvoltura,
E já da Esp'rança o monte iam subindo
Quando o vivo morzelo de Dom Sancho,
Retrocedendo num galão abrupto,
Rompeu, desenfreado, em correr doido.

Era Sancho um acabado cavaleiro,
Mas nesta occasião fatal, de nada
As equestres manhas lhe serviram :
Chapou-se-lhe o cavalo, e o pobre moço
Violentissimamente ei-lo cuspido
Sobre os brutos calhaus duma pedreira,
Onde os amigos foram encontrá-lo
Exánime, no chão, com um pé estroncado,
Co'as mãos escalavradas e co'a fronte
Amassada, a sangrar por duas gaivas.

III

Perto dali ficava a nobre casa
De Dom Guterre Lopes que, apiedado
Por tal desgraça, recolheu o f'rido
E o ajudou a deitar na própria cama,
Enquanto a creadagem, de corrida,
Abalava á procura de Heitor Pires,
Ervanário, carcunda e feiticeiro,
E que além disso, entre Mondego e Douro,
Tinha fama de ser o mais sabído
Algebrista da terra portuguêsa.

.....

Quando os sentidos recobrou Dom Sancho,
Já o grotesco Heitor se fôra embora
Depois de lhe encanar o pé dorido
E de lhe haver bandado subtilmente
Cabeça e mãos com alvas ligaduras.
De branco mascarado, do seu rosto
Só os olhos se viam, olhos negros,
Pasmados e febris, quais os do infante
Que exposto foi numa azinhaga á noite,
E que ao luzir da estrella d'alva chora
Sem consciencia da dôr que o mortifica;
Só seus olhos se viam e seus lábios
Repuxados num ricto doloroso
Que descobria a cintilante alvura
Dos seus dentes magníficos, de lobo.

— « *Onde estou eu?* » disse ele, percorrendo
Do tecto, com a vista, as grossas traves,
E as paredes forradas de precioso
Guadamecil, cujos lavor's metálicos
Vivamente brilhavam na penumbra
Tépida e aveludada do aposento.

Sobre um solene escano de carvalho,
De ferro chapeado, qual se fôra
Porta de cubiçada fortaleza,
Uns calções, um pelote esfarrapado,
E um tabardo poeirento, todos cheios
De sangue coagulado, rediziam
Da desastrosa quéda a violéncia.

— « *Onde estou eu ?* »
Torcendo-se com dores,
A máscara voltou e viu ao lado,
Ao pé de si, um velho cabeludo
De gigantesco mas risonho aspecto,
Imóvel e vestido gravemente
Com golpeado gibão de setim preto,
Sobre o qual faiscava uma cadeia
De fuzis cravejados de esmeraldas.
Era o bom Dom Guterre, o nobre alcaide
De tres fortes castelos e abastado
Senhor de quatro vilas portuguêsas,
Do conselho d'el-rei e pertencente
Á veneranda estirpe de Azevedos.

— « *Como estaes?* » diz a medo Dom Guterre.

— « *Morro, morro de sêde!* » volve Sancho.

Duma credéncia, toma o ancião hirsuto
Um jarro castelhano d'alva prata,
Bem lavrado a cinzel, e enche uma copa
Que o doente febril bebe dum trago.

— « *Mais! Por piedade, mais!* »
E esvaziada
Segunda copa, o moço os olhos cerra,
Deliciado momentaneamente.
Mas as dores recrescem de tal geito
Que, embora sofredor, o pobre Sancho
Já não tem mão em si que não prorompa
Em altos gritos de animal trilhado.

Tres longuissimas noites e tres dias
Deslisaram morosos como lesmas,

Sem que a tanto sofrer chegasse alívio.
E só depois, já quando se esgotava
Do suspeito ervanário o misterioso
Repertório de emplastros e de unguentos,
É que Sancho cobrou tenues melhoras,
E conheceu a extrema caridade
Dessa nobre família que o acolhera
Como a dilecto filho ha muito ausente.

Secundando o fervor de Dom Guterre
No empenho de abrandar as dor's de Sancho,
Que eram dor's de ferido e expatriado,
Com materna piedade, ao pé do leito,
Docemente velavam, noite e dia,
Do bom fidalgo a majestosa esposa,
Dona Mór de Menezes, sua filha,
A suave Beatriz, e uma parenta,
Dona Yseu de Aboim, velha senhora
Que, tendo enviuvado e sendo pobre,
Naquelle paço generoso entrára
Onde as portas do céo abria a todos
Confeccionando celestiais compotas
E angélicas, translúcidas gelêas.

Dia sim, dia não, era infalivel
Um irmão de Dom Guterre, o rubicundo
Dom Bento da Santissima Trindade,
Frade crúzio e varão de grandes letras,
Tão grande canonista como exímio
Cultor da genealógica ciéncia.

Quando ás eternas noites desveladas
Outras, mais bem dormidas, sucederam,
E a estas, mansos, aliviados dias,
De Sancho o quarto enorme transformou-se
Em locutório amavel da família.
De lá não se arredava um só instante
O hercúleo Dom Guterre, e as tres senhoras
Lá se acolhiam do calôr da sésta,
Conversando, bordando e preparando
Os fios com que Heitor pensava o doente.

Era o bom Dom Guterre tão brilhante
Conversador como na mocidade
Bravo guerreiro fôra; e assim, no intuito
De arejar a loquela e ao mesmo tempo

De distrair o hospede, contou-lhe
Em breve prazo toda a sua vida,
Longa epopêa de façanhas altas
Com sangue moço e generoso escritas
Na Alfarrobeira e na caiada Ceuta;
Epopêa marcial, entrecortada
De episódios d'amor que Sancho ouvia
Com int'resse infantil, pref'rindo a todos
Aquelle em que o fidalgo lhe pintava
Certa escrava d'Arzila, esbelta e lánguida,
Dançando á tarde religiosas danças,
Ao som do adufe que rufava um moiro,
Junto duma cisterna, entre palmeiras.

Depois de ouvir, chegou a vez a Sancho
De dar conta de si: sendo tão novo,
Pouco tinha a dizer, mas esse pouco
Bastou para que o crúzio descobrisse
Que era com Dom Guterre quarto primo
Do joven castelhano.
Nessa noite,
Com que ajoelhada adoração e enlêvo,

Com que ternura Sancho ouviu a loira
E láctea Beatriz sair da alcôva
Dizendo afavel : — « *Boas noites, primo !* »

IV

Passou-se isto na véspera do alegre
Dia de Santa Clara. O moço amante
Pensando em Beatriz cerrou os olhos,
Dormiu com a inocência dum menino,
Vendo-a constantemente nos seus sonhos,
E a pensar nella despertou ditoso
Ao cristalino repicar dos sinos.

Amava-a ? Sim. Humilde e fortemente
A amava, embora mal a conhecesse . . .

Mal lhe tinha falado um dia ou outro,
Mas a sua lindeza era tão pura,
A sua voz tão cheia de amavíos
E os seus amaviosos olhos verdes
Tão enluarados de candura e sonho,
Que tudo nella revelava logo
Um desses raros seres que, exilados
No mundo, vivem conhecendo apenas
Ánsias de perfeição e de beleza.
P'ra adivinhar os lúcidos tesoiros
De amor e mansidão que ella possuia,
Não precisara Sancho de falar-lhe,
De espreitar, deslumbrado, a sua alma,
De sondar seus mais íntimos desejos :
Bastára-lhe só vê-la aérea e branca,
Sempre alheada e loira qual se fôra
Um anjo anunciador d'olhos aquáticos
Passando ao luar, numa missão divina.

Nunca Sancho sentira o que sentia.
Era mais do que amor, era uma alta
E funda adoração extasiada,
Um quase mêdo de a possuir um dia,

Como se fosse um sacrilégio tê-la,
E um desejo infinito, uma ánsia doida
De sofrer toda a casta de martírios
Só p'ra alcançar o saboroso prémio
De oscular castamente, de joêlhos,
Dos seus chapins de lhama a aguda ponta.

Assim pensava Sancho na penumbra
Da sua alcova, ao repicar dos sinos,
Quando viu, no rectángulo doirado
Da porta que se abrira de repente,
Recortada a figura de Anna Mósca,
Ama de Beatriz.
— « *Como estaes hoje?* »
Diz a boa molher, no quarto entrando.

— « *Deus te pague o cuidado!* » volve Sancho:
« *Ainda que eu de rojo vos seguisse,*
« *A ti e aos teus senhor's, a vida inteira,*
« *Nem metade da divida pagára*
« *Que vos devo...*
« *Tão bem passei a noite*

« *E sinto-me tão bem agora mesmo,*
« *Que já comigo concertei ha pouco*
« *Desta cama sair daqui a um instante.* »

— « *Louvado seja Deus!* » atalha a serva:
« *Grande boda, vereis, farão meus amos*
« *Festejando com gôsto essas melhoras...*
« *Todos vos querem nesta casa...*
— « *Todos?* »
Pergunta Sancho. « *Todos? E até mesmo*
« *Beatriz?* »
— « *E porque não? Santa acabada,*
« *É um saquinho d'amor a sua alma,*
« *Saquinho aberto para toda a gente...* »

— « *E que eu quisera só p'ra mim aberto!* »
Diz Sancho lá consigo... E continúa:
— « *Ólha, falemos dela... Acho-a tão triste,*
« *Tão fóra de si mesmo, que parece*
« *Que traz a alma inocente noutro mundo...* »

— « *Tem-na no céu* », diz Ana ; « *todos sabem,*
« *Senhor Dom Sancho, que ela quer ser freira,*
« *Meter-se em Santa Clara . . . E lá estaria*
« *Ha muitos meses já, se o pai choroso*
« *Lhe não pedisse, quase de joêlhos,*
« *Que o não deixasse enquanto fosse vivo,*
« *Que não partisse sem fechar-lhe os olhos . . .* »

Ouvindo tal e ouvindo ao mesmo tempo
O cristalino repicar dos sinos
Que em Santa Clara, na morena torre,
Chamando os fieis, anunciavam rindo
Místicos gózos, hálitos de incenso,
Doces eflúvios de esmaiadas rosas,
Suspíros d'orgão, d'embriagar fraguedos,
Doces palpitações de círios alvos
Reflectidas no oiro das casúlas
E nas mansas safiras da custódia ;
Ouvindo tal, parecia-lhe, a Dom Sancho,
Que na sua cabeça desvairada
Ruía, aos golpes de cem catapultas,
Uma cidade imensa de cem portas !

Ana Mósca partíra...
O cavaleiro,
Rendido por cruel abatimento,
Longo espaço ficou cismando triste
Na prematúra ruína dos seus sonhos...

— « *Ter Deus como rival!* » dizia Sancho,
Cheio de íntima dor... « *Deus inclemente,*
« *Se para Esposa a tinhas elegido,*
« *Porque é que tão formosa m'a mostraste?*
« *Porque não morri eu antes de vê-la?* »

Mas de repente, em revoltado assomo,
Sobrepondo ao desánimo do amante
O audacioso brio do soldado,
A si mesmo se aníma e se encoraja,
Arquitectando traças engenhosas
De conquistar, soberbo, a torre ebúrnea
Dentro da qual Beatriz se recolhera.
Enterrando-se viva num mosteiro,
Sacrificando os seus cabelos d'oiro,
Deixando o mundo, o que buscava ela?

— Aproximar-se da divina gloria;
Mas o amor, o amor forte e verdadeiro
Tambem conduz a Deus (pensava Sancho);
O amor verdadeiro é uma sagrada
Comunhão de bondade e de beleza,
E aos ouvidos de Deus, sorvido e dado
Num sublime delírio de ternura,
Um longo beijo é uma oração fremente,
Uma ante-visão da glória eterna.

Não, não queria Sancho desviá-la,
Á sua amada, do bom Deus piedoso,
Mas só que ela mudasse de caminho
Para ascender á Bemaventurança;
Que o aceitasse como companheiro
Nessa radiosa, mística viagem
Que os dois fariam, trémulos, seguindo
Por doce estrada de clarões e aromas,
Coroados de flor's, rezando beijos,
E erguendo á noite, como grandes fachos,
Nas próprias mãos os corações ardentes.

V

Nessa manhã, depois do curativo,
A rôgo seu, foi Sancho transportado
Para uma sombra do jardim... Sentaram-no,
Entre coxins, num cadeirão de espaldas,
E aí lhe foi servido um lauto almoço
Cujas finas vitualhas rescendiam,
Tentando mortos, em sonoras pratas.
Dom Guterre abancára ao pé de Sancho,
E comia também, falando sempre...

Sobre a mesa corria uma latada
Toda folhuda, donde a luz descia,

Sedosa e mansa, como a dum santuário;
E quando a viração morna e indolente
Prepassava entre os pâmpanos espessos,
No chão, a sombra azul, toda ocelada
D'oiro, como um pavão armado, tinha
Frémitos lentos e macios d'agua...
Do Mondego nos choupos, as cigarras,
Nos olivaes, as rôlas gemebundas,
E sobre as alfazemas perfumadas
As doiradas abelhas sussurrantes,
Celebravam em côro a calma adusta...
Mas refrescando o ar, ali bem perto,
Uma fonte cantava, antiga fonte,
Aonde um São Miguel, de lança em riste,
Dominava um Diabo monstruoso
Cuja limosa bôca vomitava
Uma espadana d'agua diamantina

— « *Ah! como é bom viver!... e quanto eu déra*
« *Para ter neste instante a vossa idade!* »
Disse o velho, enxugando o seu bigode
Que uma golada de espumoso vinho
De rubis orvalhára, e saboreando

O almoço e o dia com egual deleite...
— « *O peor... o peor é eu estar tão ruço...* »
Continuou ele com melancholia:
« *Amigo, é para vós que está a vida!* »

Dizendo isto, o bom e nobre velho
Olhava fixamente para Sancho
Cujo rosto, já sem as ligaduras,
Todo resplandecia de beleza,
Uma beleza insinuante e máscula
De procónsul romano, moço e forte.

Fitando Sancho demoradamente,
Reparando no córte imperioso
Daquela bôca fresca e voluptuosa
Que dizia o desejo impaciente
De saborear da vida os frutos todos;
Reparando no brilho dêsses olhos
Cheios de entusiasmo e de ousadía,
Uma esp'rança afagava Dom Guterre:
A esp'rança de que, em breve, sua filha,
Ao ver Sancho afinal desmascarado,

Docemente vencida p'lo prestigio
De tão bela e radiosa mocidade,
Esqueceria os místicos projectos
Que, endoidecendo-a com subtis promessas,
Iam tramando o fim duma familia
Das mais ricas do reino e mais gloriosas.

Foi animado dessa rósea esp'rança
Que ele dali se foi, tanto que ao longe
Viu assomar a filha.
Regressando
De Santa Clara, a moça caminhava
Branca e toda de branco, com uma túnica
Tão desataviada e tão modesta
Que mais par'cia um hábito de monja
Do que vestido de donzela nobre.
De precioso só nas mãos trazia
Umas pesadas contas d'ámbar pálido
Donde pendia um crucifixo d'oiro.

Estremeceu, ao vê-la, o cavaleiro
E ocultou vivamente no tabardo

Suas mãos entrapadas, não fosse ela
Com aqueles trambolhos desgostar-se.
Mas a flúida Beatriz vinha tão longe
Dos homens e da vida, que sómente
O viu quando ao pé dele era chegada.
Como ave assustadiça, divisando
Pela primeira vez tão belo rosto,
Pára, corando, hesita, e só tem fôrça
Para dizer com voz sumída e trémula :
— « *Ah!... como estais?* »
— « *Melhor, infelizmente...* »
Diz o moço. E Beatriz, ingénua, volve :
— « *Infelizmente?* »
— « *Infelizmente, é certo,*
Exclama Sancho com sincera angústia,
« *Infelizmente, porque, emfim curado,*
« *Sairei daqui e deixarei de ver-vos!* »

Uma onda de pudor soergue os seios
Da tímida Beatriz, tinge de rosa
Suas pálidas faces e mareja
De lágrimas rogais seus olhos verdes...

— « *Ofendi-vos, bem vejo... Perdoae-me!*
Dizia o cavaleiro humildemente...
« *Perdoai-me, Beatriz... Não vos mereço.*
« *Ás estrelas não chega a voz dos sapos...* »

De olhos no chão, Beatriz petrificada
Era uma estátua ali. Penhor's de vida,
Só se lhe viam no arquejar do peito
E nas brilhantes, silenciosas lágrimas,
Que lhe corriam copiosamente
Das transparentes pálpebras descidas...

— « *Perdoai-me, Beatriz!* » tornava Sancho.

Chorando, nada a moça respondia.
De súbito, porém, limpando os olhos
E animada por essa misteriosa
Fôrça com que a fé viva vigoriza

Os ser's mais débeis nos mais rudes lances,
Ei-la que diz com singular firmeza:
— « *Meu muito amado irmão em Jesus-Christo,*
« *De joelhos vos peço e vos suplico*
« *Que em mim vejais apenas uma escrava*
« *Do alto Deus a quem fiz solemnes votos!* »

E afastou-se, osculando as contas d'ámbar...

VI

Pouco depois, num abafado dia
De suão abrasador, roncava o ilustre
Dom Guterre, dormindo a sua sésta,
Quando acordado foi p'la voz do obeso
Dom Bento da Santissima Trindade.

— « *A pé! A pé!* dizia o crúzio. *Erguei-vos*
« *E abri esses ouvidos bem abertos,*
« *Que vos trago uma nova de importância!* »

O fidalgo sentou-se então na cama,
Os olhos esfregou, espreguiçou-se,
Tres vezes bocejou e, finalmente,
Como quem salta, contrariado, a um tanque,
Em fralda, para o chão pulou num pulo
Que fez estremecer a casa toda.

Numa vasta cadeira espapaçado
E enchugando o cachaço d'elephante
Onde o suor brilhava em camarinhas,
Dom Bento, quando viu o irmão vestido,
Co'a fôfa e guedelhuda mão puxou-o
Pela golpeada manga do pelote,
E gravemente disse-lhe em voz baixa:
— « *Esse primo Dom Sancho, é necessário*
« *Pô-lo a andar quanto antes desta casa!* »

Abrindo a bôca num bocejo novo,
Dom Guterre os seus olhos arregála
Sem nada perceber.
Então o crúzio
Elucida-o :
— « *Sabeis como Dom Sancho*
« *Ha dias me falou de seus maiores,*
« *E como do que ouvi deduzi logo*
« *O parentesco que com ele temos ;*
« *Mas o que não sabeis, nem eu sabia,*
« *É que esse moço, por seu pai, descende*
« *Do celebrado e voluptuoso conde*
« *Dom Garcia Fernández, alto principe*
« *Cujas mãos diabólicas possuiam*
« *O funesto poder, o poder mágico*
« *De endoidecer d'amor as mulher's todas,*
« *Todas ! velhas e novas, sem dif'rença,*
« *A ponto que ele próprio as escondia,*
« *Para evitar tragédias, se avistava*
« *Qualquer nobre matrona já caduca . . .*
« *Esse conde morreu, é certo, ha muito,*
« *Porém, o venerando manuscrito*
« *Onde forrageei estas noticias*
« *Acrescenta — abri bem esses ouvidos,*

« *Que é nisto que está toda a gravidade!* —
« *Acrescenta que a mágica influéncia*
« *Das mãos de Dom Garcia continúa*
« *Em todos os varões seus descendentes!*
« *Aqui tendes! E agora com prudéncia*
« *Se quereis evitar um grande escândalo,*
« *Imponde sem demora o castelhano,*
« *E, antes disso, ordenai ao curandeiro*
« *Que não lhe desentrape as mãos p'rigosas*
« *Emquanto hóspede fôr dêste palácio!* »

Com seu alto e risonho cepticismo
Dom Guterre exclamou, de mão na ilharga:
— « *Pois quê? acreditais nessas patranhas?* »

— « *Patranhas, não!* » atalha logo o crúzio,
Aprumando-se, grave, na cadeira:
« *O auctor do manuscrito onde li isto*
« *Foi um sério varão, honesto e sábio,*
« *Incapaz de mentir; e a razão mesmo*
« *Nos observa que o caso, sendo estranho,*
« *Bem pode ter seus visos de verdade.*

« Reparai bem : por seu variado aspecto,
« P'la própria côr e pelos movimentos,
« Mãos ha que são fieis espelhos d'almas.
« Ha mãos contentes, como ha mãos bisonhas,
« Mãos frívolas e mãos meditativas,
« Umas ingénuas, outras depravadas.
« Eco e instrumento de paixões diversas,
« É a mão que maldiz e que abençôa,
« É a mão que mata e a mão que acaricia,
« É a mão que sustém e que despenha ;
« Jubilosa, se dá, triste, se pede,
« Lúbrica, ao afagar desnudo flanco,
« Piedosa, ao abrochar fria mortalha,
« Enérgica, empunhando um gládio heroico,
« Frouxa, embainhando uma vencida espada,
« Receosa, apalpando um filho doente,
« Vilissima, compondo atroz veneno,
« Purissima, enfeitando um altar com flores !
« Vêde que expressão vária as mãos acusam
« Conforme rezam, pálidas, erguidas,
« Ou se torcem, convulsas, com remorsos,
« Ou, estranguladoras, se enclavinham,
« Ou acariciadoras, se aveludam,
« Ou se espalmam, com os dedos distendidos,

« Numa suprema crise de amargura,
« Como as da Santa Virgem no Calvário!
« As mãos falam, irmão, as mãos revelam
« Tudo quanto cá dentro está escondido,
« E, quando eloquentes, tanto podem
« Conduzir-nos ao Céo como ao Inferno! »

— *« Se o que dizeis das mãos é verdadeiro,*
Com ironia atalha o velho alcaide,
« Bem devo eu esconder estas que vêdes,
« Não me vão elas chocalhar p'lo mundo
« O saco de misérias da minh'alma . . . »

— *« Por Deus! senhor irmão, não zombeis d'isto! »*
Diz Dom Bento. *« Oxalá que aqui em breve*
« Não se junte a Desgraça co'a Vergonha!
« Cumpri o meu dever! Ride á vontade
« Já que entendeis que o caso é para risos . . . »

E, furioso, agastado, foi-se embora.

VII

Assim que o irmão partiu, foi Dom Guterre
Contar logo ás senhoras quanto ouvira.

Achavam-se elas todas no discreto
« Quarto da fruta », vasta e fresca sala
De cujo této, roxos e doirados,
Pendiam grandes, belos cachos d'uvas,
Futuro mimo de hibernais merendas.
Fiava Dona Mór ; Beatriz, atenta,
Bordava ao bastidor um brasão d'armas,
Na argéntea lhama dum xairel de gala,
E Dona Yseu tocava a dobadoira . . .

Ao contrário do que ele supusera,
A notícia trazida pelo crúzio,

Longe de as fazer rir, deixou nas damas
Uma funda impressão terrificante.
Debalde Dom Guterre as excitava,
Tecendo sobre o caso mil facécias,
Que da esposa e da filha rudemente
Os sensiveis ouvidos melindravam,
Como anedotas vãs, inoportunas,
Contadas numa câmara mortuária.
Dona Mór, com o cenho carrancudo,
Acremente falava da imprudéncia
De dar poisada a um desconhecido;
A velha Dona Yseu, dissimulando
Toda a perturbação que lhe ia n'alma,
Murmurava palavras de esconjuro;
E Beatriz, pensando na delícia
De se ver no mosteiro dos seus sonhos,
Bem longe das torpezas desta vida,
Distraída, picava-se co'a agulha
E no lenço enxugava o dedo em sangue...

Desapontado então e acastelando
Graves e filosóficos juízos
Sobre a simplicidade das mulheres,

Foi-se o velho d'ali e encaminhou-se
Para o quarto de Sancho a passos lentos...

Era excelente o humor que nesse instante
Animava o mancebo. Muito embora
Quatro dias houvessem deslisado
Sem que ele visse a delicada prima,
Sem lhe ter escutado a voz ao menos,
Funda alegria lhe doirava o peito,
Nascida do palpite inexplicavel,
Palpite que era quase uma certeza,
De que vería em breve os seus anceios
Docemente escutados, de que em breve
Co'a sua linda noiva ajoelharia
Aos pés dum altar em cujo supedaneo
Dom Bento da Santissima Trindade,
Resplandecente d'oiro e de diamantes,
Lhes lançaria, sumptuoso, a benção,
Ao cristalino repicar dos sinos...

Nesses sonhos d'amor se deliciára
Sancho durante passageiras horas,

E delles viera numa plenitude
De alegria que, ardente, resumbrava,
Ao falar com o sogro presuntivo,
P'la animação dos olhos e dos gestos
E sobretudo p'la eloquéncia estranha
Que fazia faiscar suas palavras.

Resvalára a conversa para a luta
Ferida em Tóro havia pouco tempo,
E como o velho desejasse muito
Notícias ter da épica aventura
De Duarte d'Almeida, o bravo Sancho,
Que desse lance fôra testemunha,
Tudo pintou em pinceladas vivas,
Pondo viva defronte do fidalgo
A admiravel figura do alfer's-martir,
Cheio de heroico ardor, cheio de sangue,
Segurando com os dentes e com os côtos
A bandeira da patria lusitana,
Emquanto as suas pobres mãos cortadas,
Brancas, exangues como lírios doentes,
Pisadas eram pelos inimigos
Que de roldão fugiam desvairados.

Enaltecendo a alheia valentia,
Sancho, inconsciente, enaltecia a sua,
Tal o calor com que evocava aos gritos
Os feitos de maior heroicidade.

Ouvindo-lhe a espantosa narrativa
Em que transparecia, pura e clara,
A beleza sublime da sua alma
Ao mesmo tempo ardente e compassiva,
Mais Dom Guterre achava calumniosa
A suspeita aventada por Dom Bento,
E mais se lhe arreigava a doce idêa
De fazer dêsse nobre cavaleiro
O noivo-redentor de sua filha.

VIII

No entanto, as tres senhoras aterradas
Com o que Dom Guterre lhes dissera,
Interrompido haviam seus trabalhos
E cada uma delas, recolhendo
Á sua própria alcova, procurava
Na meditação grave e no siléncio
Qualquer meio eficaz de defender-se
Das tentações do joven desterrado.

A altiva Dona Mór, em cujos olhos
Crescera a glacial severidade
Com que os seus familiares oprimia,
Era uma dama de altas, intangiveis

Mas frígidas virtudes. Orgulhosa,
Seu orgulho tolhia na sua alma
O florejar dos sentimentos meigos.
De mães e esposas sempre claro espelho,
Nem uma vez a sofreada estima
Que votava ao marido afectuoso
Se abrira num sorriso de ternura;
E o invariavel beijo que ela punha
Na ebúrnea testa da graciosa filha,
Quando a loira Beatriz ia deitar-se,
Tinha a dura, metálica frieza
Dum firmal carregando em branda cera,
Era como que o sêlo com que á noite
Invariavelmente chancelava
Seus direitos de mãe e de senhora.

D'alma e corpo insensivel, hibernando
Em permanente e rígida apatia
De sentidos, jamais se lhe exaltára
Um desejo no corpo, um anceio n'alma,
Jamais se lhe abrasára o frio sangue
Na visão dum capricho adulterino;
E havia então de ser agora, quando

Se acercava a velhice, após tão lisa,
Tão serena e tão límpida existéncia,
Que ela, esquecendo tudo, desceria
Do inferno os degraus incandescentes,
Por duas mãos infames arrastada ?
Não ! Não era possivel !
— « *No entretanto,* »
Pensava Dona Mór, « *se nenhum medo*
« *Tenho dos homens, já não digo o mesmo*
« *Das manhas e artifícios do Diabo,*
« *Que entrando em severissimas clausuras*
« *E alcançando recônditos cenóbios,*
« *Tanta vez faz ruir da castidade*
« *As mais inexpugnaveis fortalezas !*
« *E pode alguem ter dúvidas acaso*
« *Sobre a origem satánica do torpe*
« *Do execravel poder das mãos de Sancho ?* »

Estas razões seguindo, a nobre dama
Comsigo mesmo ali determinava
Partir co'a filha para a sua quinta
De Vinhas Mortas, caso Dom Guterre

Não despedisse em vinte e quatro horas
O moço dos lascivos sortilégios.

Dona Yseu de Aboim, vetusta dona,
Se os não tinha, roçava p'los setenta,
Circumstáncia cruel que deveria
Excluí-la dos p'rigos iminentes.
Mas costumada a ouvir a todo o instante
(Sem perceber a troça do estribilho)
Que estava òtimamente conservada,
Que humilhava as mocinhas mais viçosas,
Intimamente emfim se convencera
De que as mãos liberais do bom Destino,
Dando-lhe uma infinita mocidade,
A tinham preservado da velhice,
Tal como haviam feito, noutros tempos,
Segundo a lenda resa, a Helena, a linda,
Láctea filha de Tyndaro e de Leda,
Que aos cem anos ainda possuia
As graças e a frescura dos dezoito.
Desde a sua longinqua puberdade
Sentira grande, decidida quéda
Para os doces enredos amorosos;

E mal via um varão, caduco ou moço,
Logo o desejo lhe assaltava o espírito
De lançar-se, arrojada, de cabeça,
Da paixão nos abismos mais profundos.

Finalmente casada com um primo
Molengão e enfermiço, cujo corpo
Era um canteiro eterno de leicenços,
O antegosado e anciado matrimónio
Foi-lhe uma decepção tristonha, amarga,
Uma rosa esfolhada ao ser colhida...
Enviuvou depois... Gentil viuva,
Em rigoroso dó, ficou á espera
Que a sábia Providéncia a desforrasse,
Trazendo-lhe p'la mão o Cavaleiro,
Esbelto e namorado, dos seus sonhos,
O alto Cavaleiro que devia
Abrasá-la d'amor, atravessando-lhe
O irrequieto sangue co'as faúlhas
Dos seus divinos beijos langorosos...
Porém a Providéncia nesses tempos
Já começava a estar um pouco surda...
Sempre á espera do Eleito da sua alma,

Esqueceu-se a viuva de que os anos
Iam passando inexoravelmente
Com asas nos seus pés; e já dobrado
O tormentoso cabo dos sessenta,
Ainda Dona Yseu ia tão lesta
Atrás do loiro Amor, que muitas vezes
Dona Mór intervinha asperamente,
Machucando-lhe os loucos devaneios,
Que seriam, no povo divulgados,
O escandaloso escárneo da família.

Assim, nessa africana e longa tarde,
Emquanto Dona Mór e sua filha,
Cada uma em seu quarto, vão ideando
Traças subtis que possam defendê-las,
Encorajando a feminil tibieza,
Uma na prece humilde, outra no orgulho,
A velha Dona Yseu, como um castelo
Que, em vez de resistir, as portas abre,
Já se prepara para o sacrifício,
E querendo, vaidosa, que a derrota
Não venha surpreendê-la em desalinho,
Mas com o decôro, sim, de roupas brancas

Proprio de sua ilustre jerarquia,
Dum velho e chapeado arcaz flamengo
Tira uma anágua de espumosas rendas,
Uma camisa de aracnídeo lenço,
Um par de meias, que, na mão premidas,
Duma noz o volume alcançariam,
E, completando o seu trajar de vítima,
Uns agudos chapins, uma radiante,
Bela touca de felpa d'oiro fiado,
E uma opa roxa, de veludo brando,
Com botões sumptuosos de ametista.

Quanto a Beatriz, assim que entrou na alcova,
Ante uma Virgem se ajoelhou, de prata,
Ingénua estatueta bizantina
De cabuxões e esmaltes enfeitada,
Que, havia muitos anos, a Rainha
Dona Filipa de Lencastre déra
Á mãe de Dona Mór.
De mãos erguidas,
De comoção tremendo e de receio,
Com tal fervor jàmais Beatriz rezára...

Mas emquanto que as preces dessa alminha
Noutros momentos de tristeza e angustia
Logravam animar a imagem santa
Que lhe sorria bem visivelmente
Com promessas suavissimas de amparo,
Desta feita, por mais que a virgem loira
Suplicasse e gemesse, de joêlhos,
A Mãe de Deus quedava-se indif'rente
Com a bôca cerrada e os olhos quedos.

Essa figura bela e compassiva
Que tanta vez par'cera humanizar-se
Tal como se o metal de que era feita,
Em nervos, carne e sangue se mudára;
Essa figura que, em passados dias,
Toda animada p'la divina graça,
Palpitava qual viva creatura,
Envolvendo a donzela suplicante
Em doces véos de compaixão celeste;
Essa figura, agora, no momento
Em que Beatriz se via arrebatada
Num redemoínho de aflição suprema,

Inexpressiva, inerte, cega e muda,
Era sómente uma preciosa alfaia
Anquilosada nas severas linhas
Da sua fria, hierática atitude.

Arremessada do jardim, de súbito,
Entra pela janela e cai no soalho,
Junto de Beatriz, candida rosa
Em cujos róseos tons se acusa o pejo
Duma virgem no banho surpreendida.

Quem na atirou? De certo foi Dom Sancho
Que, no desejo de alcançar depressa
De seus desejos lúbricos o fito,
Cansado de esperar que o curandeiro
Lhe desvelasse as mãos irresistiveis,
E pecadoramente, como aquele
Que duma ingénua creancinha abusa,
Fazia d'essa rosa imaculada
A embaixatriz de seus rogais intuitos.

Ante esse lindo mas perverso ultraje,
Num ímpeto, Beatriz tomou a rosa
Para a lançar bem longe, mas vencida
Pelos lânguidos filtros que exalava,
Não teve mão em si que a não cheirasse
Mais de perto, e, ao chegá-la ao pé da bôca,
Sentiu que uma torrente impetuosa
De fogo vivo lhe corria as veias,
E que uma chama lhe crestava os lábios,
Que entre as macías pétalas acharam,
Ainda quente e a palpitar, um beijo!

Lanceada de escrúpulos, tremendo,
Enojada de si como se acaso
Os dois braços violentos a cingissem
Dum sátiro baboso e cabeludo,
Então Beatriz caíu desamparada
Sôbre o seu leitozinho de donzela,
Co'a impressão de que dentro do seu peito
Rudemente um moínho velejava
Dum furacão ás chicotadas doidas!
Aflitivo garrote de soluços

Duramente apertava-lhe a garganta;
Dentro da sua cabecinha loira
Estoiravam pelouros e bombardas;
Rútilas chamas de infernal violéncia
Requeimavam, crueis, seus olhos verdes;
Até que enfim, com os ímpetos furiosos
Dum oceano irado rebentando um dique,
Toda essa dor profunda e lancinante
Rompeu num grande temporal de lágrimas.
Chorou... chorou... chorou como um menino
Perdido num pinhal á meia-noite!
Chorou... chorou... chorou... mas o seu chôro,
A princípio convulso e desabrido,
Como se repuxasse fortemente
Do seu coração trémulo, apertado
Pela brónzea manopla dum guerreiro,
A pouco e pouco foi tomando um rítmo
Velado e manso, de silvestre fonte
Gotejando em fraguedos afofados
D'avencas verdes e sedosos musgos;
A pouco e pouco foi amolecendo
Aquela cruciantíssima amargura,
Lançando enfim a extenuada moça
Numa quase gostosa sonoléncia...

Agora, dormitando, parecia-lhe
Que flutuava sôbre nuvens brandas
Na mansidão violácea do crepúsculo...
A delicada rosa, que os seus dedos
Inocentes ainda seguravam,
De novo a perturbou, embalsamando-a
Numa onda de vagos amavíos...
Então julgou Beatriz ver no ar suspensas
Duas fosforescências que desciam
Sôbre a sua cabeça, lentamente,
Tomando, lentamente, a estranha fórma
De duas mãos singularmente belas...
P'ra ver melhor, Beatriz cerrou os olhos...
E as duas mãos desciam sempre, sempre,
Cada vez mais distintas e formosas,
Agitando-se em leves movimentos
De imploração fremente e apaixonada,
Como se fossem as dum anjo cego
Á procura duma alma fugitiva...
Mãos de beleza nunca vista, feitas
Duma vaga matéria luminosa
Par'cendo ao mesmo tempo astros e flores,
Movendo-se num halo de perfumes
E desenhando nos macios gestos

Promessas, que eram hinos de ventura,
Súplicas, que eram beijos ajoelhados,
Bem via Beatriz que mãos tão lindas
Não as tinha creado o escuro inferno,
Mas que eram lirios, sim, enraizados
Num puro coração que Deus enchera
De transcendentes sonhos de Beleza!
E as mãos desciam sempre, e já tão perto
Do rosto estavam da gentil dormente
Que o bafo dela refluía delas
Escaldando-lhe as faces pudibundas.
E as mãos por fim tocaram-na! em tão doce
Tão delicada e lânguida caricia,
Que Beatriz estremeceu ditosa
E caiu num delíquio, qual se fôra
Levada ao Paraiso pelos anjos...

Mas, repentinamente, abriu-se a porta
E de candil na mão, eis que Ana Mósca
Entrou para vestir a sua joia.
Do seu bem curto sono estrovinhada,
Semi-tonta, Beatriz desceu do leito,
E alisando a lã alva do vestido,

Que a pressão do seu corpo amarfanhára,
Dessa lã lhe par'cia levantar-se,
Ás ligeiras pancadas de seus dedos,
Uma pulverescéncia luminosa,
Talvez a poeira d'oiro do caminho
Dos amorosos sonhos, onde andára
E donde agora vinha outra, sentindo
Dentro dum corpo novo uma alma nova.

E olhou p'ra a Virgem novamente : e a Virgem
Sorriu-lhe cheia de materna graça,
Encorajando-lhe a paixão nascente
E aconselhando-a a ajoelhar submissa
Aos pés do Amor que, perto, lhe acenava
Com uma capela de inocentes rosas.

Então Beatriz, chilreando, entreabre um cofre
E dele tira, já vaidosa e rindo,
Uma crespina de custosas pérolas,
Dois aneis resplendentes de diamantes,

De rubis uma dupla gargantilha,
E pede a Ana o seu vestido verde,
Feito de tesa lhama em cujo fundo
Grandes pinhas refulgem d'oiro ardente.

— « *Pentêa-me depressa e põe-me linda !* »
Diz Beatriz, sentando-se num banco
De morado veludo recoberto.

E a boa da Ana Mósca, atarantada
Com aquela mudança repentina,
Entre os dentes meteu o pente ebúrneo
E começou a desfazer-lhe as tranças...

IX

Nessa noite, ao entrar na vasta sala
Onde a opípara ceia fumegava,
Não se conteve o ilustre Dom Guterre
Que não soltasse logo uma sonora
E retumbante exclamação de pasmo,
Vendo, ao ruivo clarão bruxoleante
Dos tocheiros chumbados na parede,
O faustoso trajar das tres senhoras,
Que ali estavam de pé, hirtas e mudas,
Numa pompa de boda principesca.
Todas elas, vestindo-se p'ra a ceia,
O pensamento tinham posto em Sancho,
Até a fria Dona Mór ! . . . e todas,
Não vendo que dess'arte trairíam
Os seus mais escondidos sentimentos,

E entregando, indefèsa, a consciéncia
Á implacável fôrça do destino,
Todas elas se tinham preparado
Com tão dengues apuros de elegáncia
Como se cada uma nessa noite
Bailar devesse nos salões da côrte.

— « *Mas que é isto, Senhoras? Temos festa?* »
Dizia Dom Guterre examinando-as :
« *Virá el-rei cear hoje connosco?* »

E em seguida, mirando-se a si próprio,
Continuou : — « *Mas eu é que não devo*
« *Ficar nesta pobreza de beguino!*
« *Dae-me uns momentos, que vou pôr depressa*
« *O meu pelote novo, a adaga d'oiro,*
« *E o meu chapéu melhor, o de penacho!* »

Fez menção de sair : mas de repente
Uma idêa o picou, áspide viva,
Petrificando-o ali e incendiando

Seus olhos que se encheram de coriscos.
Da velha Dona Yseu não se admirava ;
Mas da esposa e da filha ! Quem diría
Que tão pudendas, tão discretas damas,
Renegando, insensatas, num momento,
Todo um passado d'honra e de pureza,
Logo ao primeiro aceno do Diabo,
Sem resistencia se lhe entregariam,
E em vez de erguerem frios baluartes
Contra os assaltos da lascívia impura,
Com tal despejo ao seu encontro iriam
Aliciantes galas ostentando ?

Doido furor lhe requeimava as fontes :
Dominou-se, porém ; encaminhou-se
Para a mesa e, chamando a activa serva,
Que a capricho também se ataviára,
Friamente lhe disse, d'olhos baixos :
— « *Chama o senhor Dom Sancho e serve a ceia !* »

Quando Dom Sancho entrou airosamente,
Envolto num tabardo de veludo,

Todos viram a íntima surprêsa
Com que ele olhava a demudada prima
Em cujo seio virginal, segura
Por um broche de pérolas, sorria
A rosa que o mancebo lhe atirára.

Abancaram á mesa silenciosos...
Ana Mósca servia, e Dom Guterre,
Mexendo a canja e recalcando os ímpetos
Que o coração inquieto lhe infernavam,
Perguntou de repente ao desterrado:
— « *Com tamanho calôr, que significa*
« *Esse tabardo preto?*
— « *Quiz fazer-vos*
« *Uma surprêsa!* » diz o moço, erguendo-se;
E então, lançando fóra a negra capa:
— « *Vêde como já estou são e escorreito!*
E estendeu sôbre a mesa, nuas, brancas,
As suas belas mãos sem ligaduras!

A tôrre de Babel, p'la vez segunda,
Parecia ruir naquela sala,

Tal o terror, a confusão e os gritos
Que a suculenta ceia interromperam.
Dona Mór com as mãos tapava os olhos;
Desmaiando, Beatriz no chão fazia
Rolar dois cuvilhetes de gelêa;
Ana Mósca, sem tino, pespegava
Com um leitão assado no regaço
Da pobre Dona Yseu, que, vendo o bicho,
Julgou ver, tão grande era o seu desvairo,
Um fructo já dos seus novos amores;
E Dom Guterre, doido, enfim rendido
Aos prudentes avisos do irmão crúzio,
— « *Fujam! Fujam!* » dizia ás tres senhoras;
E ao mesmo tempo, como um Deus irado,
Cerrando os punhos, espumando, aos urros,
Dando patadas que eram terramotos,
Fazia cachoar sôbre Dom Sancho
Lufadas de praguentos vitupérios:
— « *Fóra! Fóra daqui, vil castelhano,*
« *Que assim pagas a minha caridade,*
« *Tentando deshonrar tão nobre casa!*
« *Fóra, vil corruptor!* »
Debalde Sancho
Pedia a explicação dessa tormenta,

Dessa onda de insultos que o afogavam ;
O velho não no ouvia, e arrebatado
P'la ira mais fremente, ei-lo que rompe
A gritar aos criados que se acercam,
P'lo troar das injúrias atraídos :
— « *Tirae da minha vista sem demora*
« *Essa imundicie humana ! Vá, depressa !*
« *Amarrae-o sem dó, ponde-mo fóra !*
« *Não quero vê-lo mais ! E lá na estrada*
« *Cortai-lhe as mãos obscenas ! Que ele veja*
« *Os seus côtos sangrar, por justa pena,*
« *Como sangrando me pintou há pouco*
« *Os do alfer's-mártir ! Não lhe ouçais as súplicas !*
« *Cortai-lhe as mãos !* »
Então Lourenço Gato,
Porqueiro atarracado, d'ar simplorio,
Mas como Hércules forte e decidido,
Cumpre, ajudado pelos companheiros,
As ordens do senhor, levando Sancho
Cujos gritos inúteis bréve expiram
Rija e barbaramente amordaçados.

X

No pó da estrada, á doce luz da lua,
Todo enleado de cordas, remordendo
A estopa que lhe serve de mordaça,
Debalde o pobre Sancho se contorce,
Cuidando ver chegar a todo o instante
O feroz abegão partido á busca
Do machado que as mãos deve cortar-lhe.

Range o portão da quinta, e dele avança
Não o servo cruel, mas sim o vulto
Airoso de Beatriz que, de joelhos,
Cai desvairadamente ao pé do amante,
E que ao desabafar-lhe a sêca bôca
De lágrimas piedosas lh'a refresca...

Quer desatar-lhe os nós das rijas cordas,
Mas os seus dedos são tão delicados
E aqueles nós tão duros! Porém, breve,
O industrioso Amor, que lestamente
Acode sempre aos que lhe são devotos,
Ilumina-a: Beatriz abre a escarcela
Tira um punhado de moédas d'oiro,
Pelos creados as reparte e diz-lhes:
— « *Desatai estes nós e retirai-vos!* »

Lourenço, deslumbrado, os nós desata,
Com a sinistra o oiro abocetando,
Mas depois cái em si, e então objecta:
— « *E o que hei-de eu responder quando o meu amo*
« *Me perguntar p'las mãos dêste fidalgo?*

— « *Olha!* » volve Beatriz, auxiliada
Novamente p'lo Amor, e aurificando
De novo as mãos do sórdido porqueiro;
« *Na fôrca ao pé do rio, hontem á tarde,*
« *Um enforcado vi; vai lá, correndo,*
« *Corta-lhe as mãos e, ensopando-as ambas*

« *Dum animal qualquer no sangue quente,*
« *Leva-as depois ao teu senhor!* »
Lourenço
E os outros serviçaes, contando as moédas,
Partem, chalrando, em direcção do rio,
No instante em que o abegão enfim regressa,
Cantarolando, de machado ao hombro.

— « *E agora foge!* » diz Beatriz a Sancho
Que as mãos lhe aperta comovidamente :
« *Tens amigos em Coimbra, que um te esconda,*
« *E que amanhã vá ter comigo á igreja*
« *De Santa Clara, mal desponte o dia.*
« *Por êle saberás notícias minhas...*
« *Adeus! Tem fé em mim!* »
Um longo beijo
Docemente casou aquelas almas
Sob a benção puríssima da lua...

Partiu Sancho.
Beatriz, voltando a casa,
Depois daquela mediação heróica,

Pé ante pé, parou junto da sala,
Onde seu pobre pai, numa estadela,
Amarrotado e triste, era o joguete
De dois contradictórios sentimentos :
Dum lado, a sua natural bondade,
Do outro, o seu orgulho vigilante.
Orgulhoso, par'cia-lhe ainda escasso
O castigo inumano que impuzera,
Mas, bondoso, acusava-se a si próprio
De tão duro ter sido e tão severo.
Umas vezes rugia, outras chorava...
E Beatriz, a meiga e compassiva,
Vendo-o sofrer assim, ânsias sentia
De ir socegá-lo, de contar-lhe tudo,
De lhe abrir os segredos da sua alma ;
Mas o receio de que aquela sanha,
Tudo sabendo, logo se ateasse,
Acobardou-a, cautelosamente,
Que um pai é muito, mas bem mais um noivo ..

E uma hora passou... até que ao cabo
Dessa hora secular, inextinguível,

Bárbara estropeada fez ouvir-se :
Os criados voltavam, tendo á frente
Lourenço Gato, que nas mãos trazia
Uma pequena trouxa ensanguentada.

— « *O que trazes aí ?* » grita o fidalgo,
Mais pálido ficando que um defunto.

— « *Cumpridas são, senhor, as vossas ordens !* »
Diz o porqueiro.
Dom Guterre, erguendo-se,
Aperta as mãos convulsas na cabeça,
Quer falar e não pode, cai redondo
Na orgulhosa estadela de carvalho,
Bate fortes punhadas nos joelhos,
Pucha as guedelhas n'um furor leonino
E rompe enfim :
— « *O que é que vós fizestes ?*
« *Pois não vistes, estúpidos ! que eu estava*
« *Doido, doido de todo, quando há pouco*
« *Vos disse o que vos disse, delirando ?*
« *E cortastes-lhe as mãos ? Ah ! miseráveis,*

« E trazeis-me essas mãos? Ah! por piedade,
« Não m'as mostreis! Levai-as, escondei-m'as! »

Nisto soam ao longe tres pancadas
No portão, ecoando cavamente,
Como argoladas lúgubres batidas,
No pavoroso dia do Juizo,
P'la propria mão de Deus, á bronzea porta
Do mausoléu dum imperador perverso!

— *« Quem será? Ide ver! »*
Passado um instante,
Volta um dos servos que a seu amo entrega
Uma carta selada.
Dom Guterre
Ergue-se lentamente, cambaleando,
Aproxima-se mais dum dos tocheiros,
Quebra o lacre que fecha o pergaminho,
E a meia-voz, sempre a hesitar, soletra
As seguintes palavras de Dom Bento:
Senhor Irmão: Tal pêso estou sentindo
Sôbre a minha consciência atribulada,

Que, não podendo ir já, visto que a regra
Me impede de saír caída a noite,
Venho por estas letras desdizer-me
Do que sôbre Dom Sancho vos disse hoje.
Folheando aquele livro de linhagens
Que me levára a imaginar Dom Sancho
Neto do antigo conde Dom Garcia,
Nele acabo de achar uma apostila
Donde se vê que o vosso hóspede ilustre
Nada tem de comum com o mesmo conde.
Confésso humildemente o meu engano,
E em pessoa, amanhã, mal rompa o dia,
Irei pedir perdão ao nobre moço
Do agravo que lhe fiz por falsa crença.

Lívido, amarfanhando o pergaminho
Numa louca explosão de desespêro,
Torcendo as mãos, o desvairado velho
Grita para os atónitos criados :
— « *O que eu fiz ! O que eu fiz a um inocente !*
« *Por verdade aceitando uma calúnia,*
« *E uma calúnia pueril ! sem mesmo*
« *Primeiro o ter interrogado e ouvido,*

« Eis que de raiva num fatal assômo,
« Num incendiado acesso de loucura,
« Lhe fiz cortar as mãos, como se o pobre
« Fosse um vil roçador ou um parricida!
« Mas que fazeis aí? Ide buscá-lo!
« Ide! Correi! Trazei-mo sem demora!
« E não no magoeis, tende cuidado!
« Vamos! Trazei-mo já! E tu, Lourenço,
« Corre a Coimbra, chama quem no cure,
« Chama um físico, dois... quantos achares! »

Mas Beatriz, surgindo de repente,
Beatriz que tudo ouviu, chorando e rindo,
Corre a abraçar seu pai:
— *« Meu Pai, sosséga!*
« Sancho, o querido Sancho da minh'alma,
« Nem uma gôta só perdeu de sangue!
« Mandaste-lhe cortar as mãos, é certo,
« Mas eu, ouvindo a bárbara sentença,
« Corri atrás dos servos que o levavam,
« Salvei-lhe as mãos p'las quaes eu dera as minhas,
« E para te enganar, disse a Lourenço

« *Que viesse entregar-te as dum enforcado*
« *Que eu tinha visto a baloiçar na fôrca !* »

— « *Será verdade, filha, o que me dizes ?*
Pergunta D. Guterre : « *Mas aquelas*
(E aponta para a trouxa ensanguentada)
« *Inda tintas estão de sangue fresco !*

— « *Mas é dum galo !* » *diz Lourenço Gato.*

E Beatriz prosegue carinhosa :
— « *Enganámos-te Pai ! mas tu perdôas,*
« *Não é verdade ? Foi por bem o engano,*
« *Que tu não eras tu dando tal ordem !* »

— « *Ah ! Deus te pague, filha da minh'alma,*
« *Que, salvando-o, a mim proprio me salvaste,*
« *Porque se êle morresse, eu morreria*
« *Devorado de penas e remorsos !*
« *Mas onde é que êle está ? Quero pedir-lhe*

« De joelhos, sim, filha, de joelhos,
« Que me perdôe, que esqueça o que lhe disse,
« Que tenha dó de mim! Quero abraçar-vos,
« A êle e a ti no mesmo estreito abraço!
« Mas onde é que êle está? Onde está êle?

— « *Não sei, não sei...* » diz Beatriz córando :
« Não sei... mas amanhã, de manhãsinha,
« Logo que rompa o sol hei-de trazer-to,
« Para que tu nos abençoes a ambos! »

Pae e filha abraçaram-se chorando...

XI

Sancho e Beatriz casaram...
Alguns dias
Depois da alegre e sumptuosa boda,
Por mansa e rósea tarde de setembro,
Dom Guterre e Dom Bento caminhavam
Á beira do Mondego, conversando
Sôbre coisas da sua mocidade,
Quando entre os salgueirais viram ao longe
Sancho e Beatriz que iam de braço dado...
E o crúzio exclama:
— « *Como são felizes!*
« *E pensar eu que só por um milagre*
« *É que não destruí tanta ventura!*
« *Eu é que merecia as mãos cortadas!*

« Não digo as mãos, mas, sim, estas orelhas
« Que surdas sejam se não cobram tino!
« Vá lá a gente acreditar naquilo
« Que o mundo diz! A voz do mundo é falsa,
« Não é a voz de Deus! Dá-nos por tolos
« Os que menos o são, e por virtuosos,
« Ladrões capazes de roubar seus filhos!
« Eu é que tenho sido um bom palerma,
« Acreditando em tudo o que me dizem...
« Mas agora já sei, ninguem me engana!
« Do Prior-mór de Santa Cruz, dizia-se,
« Antes de o escolhermos, que era um sábio
« E mais que um sábio, um santo; eis se não quando
« Nos sái, assim que ao báculo se arrima,
« Além dum mariôla, um grande bruto... »

Escurecia...
Sempre conversando,
Os dois irmãos voltavam para casa
Quando os dois noivos foram ter com êles,
Rompendo alegres dentre madresilvas;
Rio acima singrava um barco á vela;
E das Trindades o saudoso toque,

Alagando de unção religiosa
As ínsuas de nebrina fumegantes,
Vibrava ali bem perto, em Santa Clara,
Num cristalino repicar de sinos...

Coimbra. 24-XII-1915.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS DOZE DIAS
DO MÊS DE AGOSTO DE MIL
NOVECENTOS E DEZESEIS
NA TIPOGRAFIA DO EDITOR
FRANÇA AMADO, SITA Á
RUA DE FERREIRA BORGES
NA CIDADE DE COIMBRA.

LIBRARY
25
UNIVERSITY OF

UNIVERSITY OF

ΑΠΟΛΛΩΝ
NOÉ

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
C4C3

Castro, Eugenio de
O cavaleiro das maos
irresistiveis

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 02 001 6